

VÍRUS, CONTAMINAÇÕES E CONFINAMENTOS

# PANDEMÍDIA

LabArteMídia

Almir Almas

Luís Fernando Angerami Ramos

Deisy Fernanda Feitosa

Daniel Lima

Lyara De Oliveira

João Knijnik

(Orgs.)

A pandemia obrigou o **LabArteMídia** a rever seus planos para o ano de 2020. Com os encontros presenciais cancelados, passamos a nos reunir, como a maioria dos seres humanos, por meios virtuais. As discussões se voltaram para esta nova realidade. Debates, ainda atônitos, sobre teorias conspiratórias e definições vindas do esforço geral de entender aquele momento. Novo normal, ou novo anormal? Sairíamos mais ou menos sábios? Vivos ou mortos? E o audiovisual, que transformações traria? Foram conversas animadas, às vezes confusas, sempre afetivas, de procura, entre conceitos teóricos, devaneios e experiências pessoais. Daí surgiu a ideia de chamar uma publicação que expandisse o conhecimento sobre este fenômeno do confinamento e seus efeitos nas nossas matérias-primas, nossos objetos de estudo: a arte, as mídias, a geração de novas tecnologias audiovisuais, as conexões que podemos fazer com as lutas identitárias em favor da igualdade de raças e gêneros. Seria uma publicação científica, solicitando o rigor da reflexão teórica, ao mesmo tempo em que abriria o caminho para manifestações artísticas que se permitissem residir no formato livro virtual. Queríamos, com ela, compreender como as mídias tomaram outras formas e se disseminaram de maneira compatível com o temido vírus. Ou, em última instância, aqueles que responderiam ao nosso chamado trariam contribuições que nos dissessem e nos mostrassem o que a pandemia trouxe para a nossa área e que experiências estaríamos vivendo e que valessem a pena publicar e divulgar.

Essa publicação, leitor, está chegando à sua tela agora, e se chama **Pandemídia**.

Os trabalhos chegaram com uma variedade de abordagens. Muitos eram reflexões bem gerais, sobre o futuro do audiovisual, partindo do momento extremo em que estamos e ainda estamos vivendo. Outros focaram em eventos específicos, nas redes sociais, na produção artística contemporânea, nas possíveis narrativas da Internet, e naquelas que se revelavam como a expressão do momento. De imediato, houve uma grande dificuldade em se fazer uma classificação. Daí, agrupamos os textos selecionados que tivessem alguma identidade, em variações da *Pandemídia*.

O primeiro capítulo, "**Mundo em Quarentena: inspirações e afetações**", refere-se a questões mais abrangentes, que procuram compreender a pandemia no seu aspecto sociológico e filosófico. Como resume bem um dos autores, Fabrício Oliveira, vivemos uma "crise complexa; em primeira instância, médico-sanitária; em última instância, civilizacional". Os textos projetam efeitos futuros, desvendam lugares comuns como "o novo normal", apontando definições apressadas e se podemos considerar a pandemia como algo transformador, um impulso à redenção da humanidade, um passo evolutivo ou algo que veio radicalizar desigualdades e consolidar a irracionalidade.

Seguimos para abordagens direcionadas ao audiovisual. O capítulo **“Audiovisual Viral: audiovisualidades entre vírus e janelas”** traz artigos versando sobre legislação e mercado, e também sobre a criação e produção neste mundo transformado em confinamento. Um subgênero cinematográfico, os filmes de zumbis, é contextualizado para a crise sanitária, como explica o autor do texto, Lúcio Reis Filho: “no século XXI, as narrativas de zumbis trazem o tema da pandemia que leva ao colapso da modernidade tecnológica e do capitalismo transnacional em escala planetária.”

No capítulo **“Comportamentos em Lockdown: imuniz(ações) e reações”**, o olhar se volta para entender como a pandemia mudou comportamentos e transformou relacionamentos. Esta perspectiva se evidencia já no artigo de Giovanna Caetano da Silva, que diz: “o fio que conecta gerações na receita de bolo ou na história de ninar é o mesmo que pede colo na chamada de vídeo.” É uma singela, porém bem posicionada mensagem de uma neta para sua avó. A citação vale para outros artigos do capítulo como o questionamento dos corpos sexuais reclusos em seus lares; uma reflexão sobre a máscara, seus significados na pandemia; e um projeto já consolidado que permite a famílias e amigos vivenciar e realizar o luto através de meios virtuais.

O fenômeno das *lives* foi contemplado com questionamentos sobre sua validade, se é um fenômeno passageiro ou se realmente vamos ter permanentemente a tela como mediação, seja no entretenimento, ou na educação. Existe a tendência, então, de que daqui pra frente os atos de comunicar, ensinar e aprender terão mediação de telas como premissa. No capítulo **“Viralização da Live: a ressignificação da presença”**, os artigos comentam o envolvimento de músicos, intelectuais e artistas e também o ponto de vista do receptor, os milhões de espectadores que ligaram seu dispositivo para assistir um show, uma aula, um debate. No próprio título de um dos artigos, “Mais um ensaio que deveria ser uma *live*”, já está embutido a relevância que este termo ainda impreciso adquiriu para nossa atenção.

No capítulo **“Sintomas em Rede: atravessamentos e (des)encontros”**, conceito de rede está presente como interligação de atividades e seus participantes numa Rede de Solidariedade no Piauí de combate à covid-19. Sob um outro aspecto, um artigo aborda uma rede social - no caso, o Instagram - e as reações de usuários sobre a imagem de celebridades em tempos de pandemia, reconhecendo assim “o enorme potencial de rede e na rede” como enfatiza a autora, Thayla Bertolozzi.

A criação em prosa finca uma cunha na fala acadêmica com dois textos no capítulo **“Prosa Pandêmica: poesia do existir além vírus”**; um de ficção, outro de crônica. São

duas visões do isolamento, do medo, do contato com um vírus invisível que pode se materializar em gêneros, sons e imagens. Com um DJ muito mais que infectado pelo vírus e os fragmentos de um casal confinado no seu apartamento que delira entre citações e linguagens, temos o fantástico e o prosaico se alternando em volta do mesmo horror.

No capítulo **“Anticorpos Artísticos: arte como antígeno, resistência, sobrevivência”**, os temas se complementam na intenção de valorizar o caráter transgressor da arte. Uma videoinstalação gera várias reflexões e põe a nu as concepções ideológicas e estéticas de seu autor. Um ensaio artístico desenvolvido no Instagram se utiliza dos conceitos de contaminação e compartilhamento para disseminar diversas manifestações artísticas. As bases para uma curadoria interativa propõem que o espectador tenha uma participação ativa no jogo que lhe é proposto.

As artes visuais também se apresentam em **Ensaio Visuais**. Suas imagens pontuam os sete capítulos. São olhares e vivências sobre a pandemia. Entre o humor e o lirismo, imagens e palavras se combinam e procuram captar a essência do que está pairando no ar além da própria covid-19. Fotos de fora para dentro, projetos artísticos em construção, o sarcasmo penetrando por imagens numa pesquisa histórica e artística sobre o uso da máscara; são propostas que inserem a imagem no caos da pandemia.

Nesses olhares tão diversos, esta publicação traz um painel de ideias, de pensamentos, de sensações que jogam luz sobre este entrecruzamento entre a pandemia e as mídias. Queremos que, ao acessar o ebook **Pandemídia**, o leitor possa mobilizar suas reflexões toda vez que abrir uma tela. Confinados ou não, mesmo com as vacinas começando a chegar às populações de alguns países - no momento desta publicação - as transformações decorrentes da pandemia, se não vieram para ficar, indicaram novas formas com que se produz e se consome imagens.

Organizadores